

Um valor a reconhecer e proteger...

Património construído moderno lusófono

“Com o dealbar dos anos 1990, e a transição para o novo século, foi crescendo a consciência internacional e o significado atribuído às obras ditas modernas, ou do Património Moderno (ou do Século XX). Trata-se de um sinal histórico claro da importância que estas obras gradualmente ganharam, como representativas de uma cultura urbana e recente, mas nem por isso menos fundamentais no entendimento da nossa civilização e dos seus destinos.”



Capitólio. Lisboa, 1931



Mexicana (Pastelaria Mexicana). Lisboa, 1962

PORTUGAL: UMA PROFUNDA “HISTÓRIA ARQUITECTÓNICA”; A RELAÇÃO ENTRE PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO ARQUITECTÓNICO E URBANO

Portugal, pequena nação peninsular do sudoeste europeu, criada e sobretudo firmada a partir da Baixa Idade Média, desenvolveu no seu território de finisterra uma ocupação do espaço construído com características originais, quer no desenho ou traçado das vilas e cidades que foram erigidas, quer nas obras arquitectónicas que preencheram os espaços urbanos e ainda outras áreas de carácter rural.

Podemos falar do urbanismo luso e da arquitectura portuguesa, desde os séculos XII-XIII, como inseridos na dominante tradição e influência do ocidente europeu, caldeados pela também presente tradição oriental. Efectivamente, sobre uma base castreja provinda da pré-história, as litorâneas culturas Grega e Fenícia, depois apropriadas e transformadas por uma du-

radoura e estruturante Romanização, seguida esta pela presença germânica Suevo-Visigótica, e sequentemente pela longa permanência do Islão (este sobretudo a sul do Mondego e Tejo), foram determinantes – aquando do retomar cristão – na definição de um espírito de lugar, na escolha dos sítios, no entendimento de uma relação com a paisagem e a sua geografia, até mesmo de uma determinada escala de edificação arquitectónica e de um modo de construção dos espaços e da opção por determinadas formas, materiais e cores.

Com o avançar dos séculos, e o sedimentar desta prática, pôde firmar-se em Portugal uma cultura urbana e arquitectónica sólida, base para o valor do vasto conjunto existente actualmente, do nosso Património Construído, nas nossas cidades, espaços urbanos, vilas e aldeias e no território rural. Os exemplos qualificados atravessam os tempos do Românico e do Gótico,

do Manuelino, do Renascimento e do Barroco, do Chão e do Pombalino, do Romantismo, da Arquitectura do Ferro e do Moderno.

A ARQUITECTURA MODERNA LUSÓFONA E O PATRIMÓNIO MODERNO DO SÉCULO XX NO MUNDO

O ADVENTO DOS TEMAS DO PATRIMÓNIO DA ARQUITECTURA DO SÉCULO XX E DO PATRIMÓNIO MODERNO: O DOCOMOMO E A SUA ACÇÃO

Com o dealbar dos anos 1990, e a transição para o novo século, foi crescendo a consciência internacional e o significado atribuído às obras ditas “modernas”, ou do “Património Moderno” (ou “do Século XX”). Trata-se de um sinal histórico claro da importância que estas obras gradualmente ganharam, como representativas de uma cultura urbana e recente, mas nem por isso menos fundamentais no entendimento da nossa civilização e dos seus destinos.

Foi a partir de 1990 que, com a activação



Correios de S. Tomé e Príncipe, anos 60



Francisco de Castro- Banco em Quelimane, anos 60



Escola Portuguesa de Macau, 1965



Embaixada Portuguesa em Brasília, 1974

do DOCOMOMO internacional (*Documentation and Conservation of Modern Movement Architecture*), constituído por uma série de grupos de trabalho em diversos países do mundo, que, por via da divulgação (em congressos, publicações e acções mediáticas), se foi reconhecendo a importância de edifícios e espaços modernos, antes não considerados como valores culturais.

Em Portugal as primeiras classificações de obras arquitectónicas datadas do século XX ocorreram nos anos de 1970, sendo as obras modernistas dos anos 1930-40 classificadas nas décadas de 1980 e 90 (pelo então IPPC). Mais recentemente começa a apreciar-se e a avaliar-se a arquitectura das décadas de 1950 e 60, para o que contribuiu sem dúvida a acção do Grupo do DOCOMOMO Ibérico (com Portugal e Espanha, sendo a participação de Portugal por via da Ordem dos Arquitectos e do IPPAR): tal ficou patente no “caso” da pastelaria Mexicana, em Lisboa, cuja destruição foi impedida pela acção mediática em 1993-94, e em publicações recentes sobre arquitectura moderna e industrial (1996 e 2005). Em 2003-2006, está em curso no Continente e Ilhas o IAPXX (“Inquérito à Arquitectura do século XX em Portugal”), vasto levantamento a cargo da Ordem dos Arquitectos com objectivos editoriais e de divulgação.

Na recente lista de edifícios modernos em perigo no Mundo, pela WMF (*World Monuments Fund*), elaborada para 2005-2006, estão referidos dois casos “lusófonos”: um edifício (o Capitólio, em Lisboa, classificado pelo Estado mas ameaçado pelo projecto da CML para o Parque Mayer) e um conjunto, o antigo Campo de Concentração do Tarrafal, em Santiago de Cabo Verde.

O PATRIMÓNIO MODERNO DE ORIGEM PORTUGUESA NO MUNDO (PALOP, MACAU, EMBAIXADA DE BRASÍLIA)

Assim, e para além das obras e aspectos atrás referidos, sobre a arquitectura moderna do século XX no mundo e em Portugal, há que considerar ainda a importância do designado Património Moderno de origem portuguesa no Mundo, pois tal como para séculos anteriores (e para o século XIX, que aqui não se desenvolveu), os espaços da colonização portuguesa, hoje ditos “lusófonos”, receberam ao longo deste período estruturas urbanas, edifícios e construções infra-estruturais de grande significado e qualidade.


Estes espaços e construções estão actualmente integradas nos diversos países que entretanto ganharam a independência, ou em regiões antes colonizadas e recentemente inseridas noutras

nações soberanas – ou ainda nas áreas das representações oficiais lusas no estrangeiro (embaixadas, etc.). De um modo muito sintético, há que referir três grandes grupos de Património Lusófono Moderno, edificado ao longo de Noventa e dois anos:

- na antiga “África Portuguesa”, nas cidades e territórios de Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, até 1975;

- em Macau, até 1999;

- e nas representações estrangeiras, como por exemplo em Brasília, com a notável obra da Embaixada, por Chorão Ramalho, dos anos 1960-70.

Este património apresenta os mesmos problemas (desconhecimento, considerado sem valor “histórico”) e levanta questões idênticas ao património moderno no Mundo e em Portugal – com a agravante de, embora de raiz lusa, poder estar sobre alçada de outros domínios políticos. Tal é o caso da Antiga Escola Portuguesa de Macau, conjunto edificado de grande valor estético e urbano, dos anos 1960, ameaçado presentemente de demolição em Macau. 

BIBLIOGRAFIA

- Arquitectura do Movimento Moderno – Inventário DOCOMOMO Ibérico – 1925-1965*, Barcelona: Fundação Mies Van Der Rohe / DOCOMOMO / Associação dos Arquitectos Portugueses / IPPAR, 1996.
- Fernandes, José Manuel – “Arquitectura do Século XX: O Moderno É Património?”, in *Arquitectura Portuguesa. Temas Actuais II*, Lisboa: Livros Cotovia, 2005, pp. 99-104.
- Fernandes, José Manuel – “Arquitectura do “Mundo Lusófono”” in *Revista Camões*, n.º 11, Lisboa: Instituto Camões, 2000.
- Fernandes, José Manuel - *Cidades e Arquitecturas*, Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- Fernandes, José Manuel - “Arquitectura no Espaço Lusófono”, in *Expresso*, Lisboa, 21/5/2005.
- Fernandes, José Manuel - “Os 10 Edifícios Modernos Mais Ameaçados”, in *Expresso*, Lisboa, 30/7/2005.

JOSÉ MANUEL FERNANDES,
Arquitecto